

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 63

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

Como se chega a esse estado pavoroso do espirito, que, a par do abominavel repudio da familia, produz as *cantharidas canonicas*, ou os *Canticos a Jesus*, os amores divinos que as Santas Therezas e as Alacoques, pela pessoa dos seus confessores jesuiticos, nos descrevem em termos indecentes?

Pelos *exercicios espirituales*, que é tudo quanto ha de mais attentorio contra a liberdade, contra a independencia, contra a dignidade da especie.

Huber dedica-lhes o capitulo II do livro I da sua obra excelente.

«Durante toda a duração dos exercicios o homem renuncia ao commercio com o mundo; procura a solidão e o recolhimento; a solidão, que só ella prepara a alma para se elevar até Deus e receber a sua divina graça. O peccador aproxima-se de Deus com uma confiança plena e inteira na sua bondade infinita. Abre-se, sem reserva nem reticencias, ao seu confessor, ao seu guia espirital e submete-se absolutamente aos seus conselhos, á sua vontade. O guia, que é diplomado na direcção das consciencias, tomando por regra as instrucções de Santo Ignacio, deve estudar a individualidade do seu discipulo, proceder com prudencia, doçura e humildade, reportando-se a Deus sobre a direcção definitiva de penitente.

O penitente põe em jogo todas as forças da sua alma; procura um alimento que satisfaça ao mesmo tempo a sua memoria, a sua intelligencia, o seu coração, a sua vontade. A memoria é chamada a sustentar a razão na sua meditação e no seu raciocinio; a reflexão, a sollicitar o desejo e a vontade. Mas a imaginação, por sua vez, deve esforçar-se por encarnar em fórmulas visíveis as idéas que a nossa vista espirital contempla, dando-nos d'ellas uma representação sensível. N'outros termos, a meditação deve ser impellida até á allucinação.

As rezas alternam com a meditação, com os exames de consciencia, com as conversações mantidas com as tres pessoas da Santissima Trindade e com todos os santos. Além das macerações ordinarias recorre-se a outros meios para provocar no penitente as disposições que se pretendem, escurece-se e esclarece-se alternativamente a sua cella, umas vezes mostram-lhe ossadas e caveiras, outras vezes flôres colhi-

das de fresco, para lhe darem assim a imagem da morte ou a da vida renascente.

Bode, que percorreu toda a série dos exercicios e que nos fez uma pintura empolgante dos seus efeitos psychologicos, entende que não ha meio mais eficaz para produzir a mais viva exaltação, o entusiasmo mais ardente e mais sombrio. As pessoas insensíveis a esses efeitos não convem á Companhia, porque não são capazes de servir os designios da Ordem.» (Huber, liv. cit. pag. 24, 25 e 26).

Diz por seu lado o ex-jesuíta Grainha:

«Os exercicios estão montados como uma machina rotativa, que pouco a pouco vaee envolvendo o individuo sem este o sentir. E, para que esta machina produza o devido effeito, o auctor e o additador rodearam-na d'uma atmospheria especial, como se faz a certos aparelhos de sciencias naturaes. Assim prescreve-se que «os exercicios se devem fazer em logar isolado da convivencia d'outras pessoas e muito mais das familiares», e que «o exercitante não deve ser visitado senão pelo instructor ou outra pessoa por elle enviada», (1) e que n'este isolamento ainda «se deve privar da claridade do dia, fechando portas e janellas, que só se podem abrir para lêr ou tomar alimento», (2) e «deve evitar lembranças que produzam alegria», (3) e «não deve levantar os olhos para ninguem a não ser para fazer um signal de cumprimento quando houver necessidade», (4) Mettido o individuo n'esta prensa, e isolado de todos, e principalmente dos parentes e dos amigos, e até das proprias ideias alegres e felizes, ainda a liberdade lhe é coarctada por outros modos. «Não deve meditar senão o que o instructor lhe propuzer, e nem sequer deve conhecer as meditações seguintes», (5) e «em cada meditação deve fingir na imaginação uma scena apropriada ao assumpto conforme vem indicada no livro dos exercicios, e que se chama *composição de logar*», (6) e «no final da meditação deve proromper em exclamações pautadas pelo mesmo assumpto». (7)

(1) *Directorium*, cap. IV. De loco exercitii idoneo, et de quibusdam particularibus.

(2) *Exercitia Spirituality*, additones,—septima.

(3) *Exercitia Spirituality*, additones,—sexta.

(4) *Exercitia Spirituality*, additones,—nona.

(5) *Exercitia Spirituality*, annotationes,—undecima.

(6) *Exercitia Spirituality*, primum exercitium.

(7) *Exercitia Spirituality*, secundum exercitium.

As meditações feitas por este modo hão de ser quatro ou cinco por dia, de uma hora cada dia.

(1) E estas meditações não são racionadas á luz da sciencia, mas da fé: alli não se discute, nem se examina o assumpto que se medita, aceita-se como está exposto. Assim a primeira meditação, chamada do fundamento, começa por estas palavras: «O homem foi creado para louvar e reverenciar a Deus e para se salvar servindo ao mesmo Deus. E todas as restantes coisas foram creadas por causa do homem, para o ajudarem a proseguir o seu fim... E por isso devemos haver-nos com summa indifferença para com todas ellas, etc.» (2)

Quantas coisas discutíveis racionalmente, e admittidas alli sem a mais simples discussão! E todas as mais meditações, ainda sobre a historia da vida de Jesus, são dadas como positivas e indiscutíveis!

Presa assim e encadeada a razão, a imaginação e até o affecto, o espirito entra n'um estado de exaltação religiosa que vai pela allucinação... Esta exaltação mental é o primeiro resultado dos exercicios. E, em virtude d'ella, o individuo começa a conceber uma norma de vida ideal, contraria ás affeições humanas, que não é mais que um refinamento de mysticismo; e, como a nossa natureza tem sentimentos racionais e legitimos oppostos a isso, sobrevem uma tempestade de pensamentos contradictorios e duvidas de consciencia a que os theologos chamam *escrupulos*. Todos os tratadistas são concordes nos effeitos afflitivos causados no espirito pelos *escrupulos*, que são um resultado tão constante dos *exercicios espirituales* que S. Ignacio de Loyola, auctor d'elles escreveu no mesmo livro um capitulo sobre os *escrupulos*. (3)

O resultado immediato que os jesuitas pretendem tirar d'esta doença mental (que outra coisa não são as exaltações e duvidas de espirito) que produziram por meio das meditações no individuo que se lhes sujeitou, é levar-o a «fazer uma confissão geral» (4) e a «escolher um padre que de futuro seja o seu guia no caminho espirital e com o qual ha de tratar tudo o que pertence á sua alma.» (5) Isto é, levar o individuo

(1) *Directorium*, cap. III. De quibus monendus sit exercitia ingrediens, et tempore meditandi.

(2) *Exercitia Spirituality*, prima hebdomada, principium sive fundamentum.

(3) *Exercitia Spirituality*: Quaedam notata digna de scrupulis.

(4) *Directorium*, cap. XVI: De confessione generali.

(5) *Directorium*, cap. XI: Quae commendanda sunt ei qui absolut exercitia.

a sujeitar-se absolutamente e para sempre ao padre jesuíta ou ajesuitado.

Outro resultado, e um dos mais funestos, é, no auge d'esta exaltação mental, fazer que o exercitante trate d'eleger um estado de vida, pois os *exercicios* falam d'esta eleição ou escolha no fim da segunda semana, quando já se tem meditado no inferno e na vida de Christo. O resultado da escolha de vida n'esta occasião e n'estas circumstancias é que o exercitante se inclina necessariamente para o estado religioso, que lhe é exposto como o melhor para a salvação, «porque Deus, (como se lê no *Directorio*) muito claramente exhortou ao seguimento dos conselhos (que são os votos religiosos), e no estado matrimonial mostrou que ha grandes perigos.» (1)

Resumindo, vimos que os resultados dos exercicios são: a exaltação religiosa, as duvidas e o desasocego do espirito, o cair-se nas mãos d'um padre que se arvora em director espirital sem cujo conselho nada se faz, e finalmente a allucinação para o estado religioso, mas com calculo e evitando que o exercitante presinta este intento.» (O *Portugal Jesuíta*, pag. 286 a 291).

Ora aqui tem os leitores. Recorremos bastas vezes á auctoridade alheia, não por pruridos de erudição, mas porque o nosso intento é fazer uma propaganda sólida, convincente, séria, e para o conseguir não bastaria a nossa propria auctoridade. Teriamos de empregar as proprias idéas dos outros—como fazem quasi todos os nossos escriptores que empregam não só idéas como palavras que lhe não pertencem e assim passam por sábios ou lettrados aos olhos dos ignorantes—sem a força de convicção que lhes dá o nome d'aquelles que, ou por condições especiaes, como, n'este caso o sr. Grainha, que viveu largos annos entre os jesuitas, ou por serem reputados no mundo intellectual como sábios especialistas dos assumptos de que tratam, como Huber, Maudsley, Bordier, Letourneau, Bombarda, etc. são d'uma auctoridade indiscutível. E levamos a seriedade da nossa propaganda até ao ponto de citar as paginas, os capitulos, as edições dos livros a que recorremos para que qualquer, a quem por ventura se offereçam duvidas, as possa tirar n'um instante, o que não succederia se a citação fosse vaga, tirada de qualquer fonte menos authentica, como succede a cada passo no jornalismo portuguez.

(1) *Directorium*, cap. XXIII: Quales esse debeant, qui ad electionem admittuntur.

infelizmente pouco sério, em geral, e muito pouco culto.

Mas, voltando atraz, aqui tem os leitores explicado o processo seguido para se chegar á loucura, a esse estado da sobrinha de José Estevão que gritava por socorro quando seu paé lhe apparecia, que se negava a visitar sua mãe moribunda, sua mãe que gritava por ella a todos os instantes no leito da morte, estando na mesma terra em que a infeliz velha agonizava e respondendo ás sollicitações instantes de Mendes Leite, o seu velho amigo, o homem que a conhecia desde pequenina, que devia ter alguma força sobre o coração da desventurada: «Eu não tenho familia; a minha familia é Deus!»: a esse estado da filha do consul brasileiro no Porto, outra desventurada que se esforça por quebrar os laços de familia para atar os laços d'essa religião que vimos descrevendo e que é o maior attentado que se pôde fazer ao proprio Deus, se o Deus dos religiosos é um symbolo de perfeição e virtude, como elles pretendem; a esse estado da santa Maria Alacoque, de santa Thereza, pobres eroticas transviadas, perdidas no campo funesto dos amores divinos.

Letourneau, estudando os *exercicios espirituales* e outros processos usados pela religião para provocar o extasis, demonstrando, n'esse excellente livro, por nós já citado, *Physiologie des Passions*, que esses processos tem sido sempre os mesmos em todos os tempos e em todas as religiões, com a unica differença dos *jesuitas* os terem levado a um *requinte de perfeição* até elles desconhecidos, resume n'estas regras o que elle chama a *quinta-essencia de todos os preceitos asceticos sobre o assumpto*.

1.ª Desenvolver uma doentia irritabilidade do systema nervoso por um regimen debilitante associado a um methodico emprego da dor physica.

2.ª Determinar por certas praticas um certo grau de congestão cerebral.

3.ª Concentrar a attenção sobre um pensamento unico, resequindo gradualmente no penitente todos os desejos, todos os sentimentos naturaes. (Um frade do seculo V, recebendo sua irmã no claustro, fechava os olhos para não a vér. (1) Chega-se assim a

(1) Se Letourneau viesse a Portugal, não precisava de recorrer ao frade do seculo V. Aqui tinha de fresquissima data a filha do sr. Calimos e de data muito recente tambem a filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, a irmã de Norberto Ferreira Vidal e tantas outras. D'onde se vê que, apesar do beaterio que ha em França, o de Portugal refina em attentados á familia e á natureza.

criar uma idéa fixa, um desejo unico, isto é a provocar a sacudida, a actividade automatica de certos grupos de cellulas cerebraes n'um sentido determinado. Levada a certo grau, esta tendencia á repetição dos mesmos actos, que é essencial ás cellulas cerebraes e sem a qual a memoria seria impossivel, captiva o cerebro totalmente e todas as suas faculdades, em virtude da solidariedade anatomica e physiologica que une tão intimamente todas as cellulas cerebraes. (1)

4.ª Emfim, ultimo progresso da arte, crear allucinações por uma sábia gymnastica da imaginação, como ensina Santo Ignacio de Loyola. (Physiologie des Passions, pag. 178 e 179.)

Ora, perdida a acção benéfica do cerebro, o homem fica mais do que nunca escravo dos seus instinctos e necessidades animaes e do seu temperamento especial, e accorda n'elle esse feroz egoismo que o leva a trocar familia, patria, conhecidos e amigos pela vida de delicias e gozos que a religião lhe promete além-tumulo e essa necessidade d'amor que se manifesta na fórma lasciva da loucura de Maria Alacoque e de Santa Thereza, essa fórma lasciva que, segundo Maudsley na Physiologie de l'Esprit, edição franceza de 1879, pag. 331, é «a fórma de certas especies de loucura em mulheres de vida perfeitamente casta e modesta.»

No numero seguinte veremos como Maudsley encara esse assumpto.

Mas fiquemos hoje n'isto: não ha nada, como o mysticismo, para desenvolver no homem, sob a capa de abnegação, o mais brutal e feroz dos egoismos.

Candidatos republicanos

Apresentam-se novamente pelo Porto os srs. Affonso Costa, Paulo Falcão e Xavier Esteves.

Oxalá que o Porto mais uma vez affirme os principios democraticas elegendo os tres honrados e talentosos republicanos.

Os eleitores portuenses honram-se votando n'esses tres nomes.

O terremoto de Lisboa

Fez na quinta-feira passada 145 annos que se deu o horroroso terremoto de Lisboa, que, segundo se calcula, produziu a morte de 10 a 1:500 pessoas.

KRUGER NA EUROPA

E' grande o entusiasmo que vae em França para a recepção do heroi co presidente do Transwaal, o velho e sympathico Kruger.

No pavilhão do Transwaal, na exposição, foram collocados livros em branco, que a breve trecho ficaram cobertos de assignaturas de protesto contra Chamberlain.

Segundo um correspondente de Paris, nas paredes interiores do pavilhão «não ha um unico espaço em branco, tão numerosas são as legendas insultantes para a Inglaterra e para os seus homens mais em evidencia.»

(1) E' por meio d'esta theoria tão verosimil que Luys explica as monomanias. Compara com muita exactidão essa especie de impregnação das cellulas cerebraes á phosphorescencia, á propriedade que possuem certos corpos de armazenar a luz, e de poder operar, depois d'um certo tempo, sobre chapas photographicas sensibilizadas.

ESPANTOSO!

O sr. ministro da guerra acaba de determinar que não seja obrigatoria a instrucção dos recrutas analphabetos, a pretexto de não haver nos regimentos casas para accomodar os alumnos.

Espantoso!

Ha muitos annos que a instrucção dos analphabetos se fazia sem terem faltado casas para escolas. Agora, mercê d'esta onda de reacção em que vae o paiz, atreveram-se alguns coroneis, que tem odio á instrucção, a declarar ao ministro que a casa da escola não tinha capacidade para tantos alumnos e o ministro apressou-se a determinar o disparate que ali fica referido.

Chamamos para este caso a attenção dos homens que ainda tem algum amor aos progressos e á civilização d'este paiz.

Pela novissima determinação ministerial *só os que já sabem ler!* é que são obrigados a frequentar a escola regimental, frequentando-a tambem os analphabetos, *mas só quando estes quizerem!*

Ora, repetimos, ha muitos annos que a escola regimental existe, sem que até hoje tivesse sido insufficiente para conter os alumnos. Quando fosse insufficiente, não faltam nos quartéis casas para apropriar a escola. E quando, em ultimo caso, não houvesse casa nenhuma, fazia-se, que bem pouco custava e era mais bem empregado o dinheiro que n'isso se gastasse do que aquelle que se gasta em tantas inutilidades no mesmo exercito.

Mas o caso é outro. Toda a gente sabe que a mandrice nacional cada vez é maior. Os professores do curso dos soldados, que aliás não fazem senão dizer a missa, porque são os capellães, não se querem *massar* com muitos alumnos. Os coroneis tambem não se querem *massar* com muita coisa. Quanto menos, melhor! E' o dito dos quartéis. E o sr. ministro da guerra, contentando o exercito com promoções, faz consistir todo o seu merito em reformar a torto e a travez.

Eis tudo.

Jantar republicano

Foi muito concorrido, decorrendo no meio do maior entusiasmo, o jantar republicano realiado no Porto.

Muito estimamos.

A Vitalidade refere-se ao nosso patricio capitão Homem Christo em termos agradaveis, a proposito dos louvores que este official recebeu ultimamente das altas regies militares. Ao menos, d'esta vez, a Vitalidade foi coherente, porque apregoando, a proposito da eleição do sr. Jayme Lima, a necessidade dos aveirenses fazerem justiça aos seus patricios, elevando-os, em lugar de os deprimir, e preferindo-os aos estranhos, sustentou essa doutrina com um dos que tem trabalhado mais pela moralidade e civilização do seu paiz, recebendo em paga unicamente a má vontade do maior numero.

Segundo a Vitalidade, o sr. capitão Homem Christo deve sentir legitimo orgulho em captar tão honrosas referencias da parte dos seus superiores. Não será motivo para tanto, principalmente sendo certo que quem está acostumado de preferencia a receber *coices*, — permitta-se-nos agora o termo expressivo, que n'este momento não attinge ninguém, — já não dá aos elogios o valor que outros lhe dão.

Comtudo, tendo o sr. Christo um louvor em ordem do exercito, que é o mais importante, em absoluto, dos louvores na vida militar, muito mais e satisfaz este agora, porque corresponde a um serviço muito mais importante, do que o satisfaz aquelle. Ainda ha outro motivo de satisfação. E' que tendo o sr. Christo o feitiço que todos lhe conhecem, activo e rude, sempre prompto a dizer as verdades que menos agradam aos seus proprios superiores militares, quando elle é elogiado como dez é quando elle produziu e valeu como 20, ao contrario de muitos que são mais elogiados pela sua subserviencia e espirito accomodaticio do que pelo seu valor real.

Seja como fór, o procedimento da Vitalidade é sympathico e digno, principalmente dados certos antecedentes em que é inutil falar agora, e o sr. capitão Homem Christo ha de ficar necessariamente reconhecido ao collega da localidade pela isenção de que acaba de dar provas.

Temos a certeza d'isso.

As perdas dos Inglezes

Pelas listas officiaes publicadas pelo ministerio da guerra inglez, se vê que desde o começo da guerra sul-africana até 29 de setembro ultimo, as perdas dos inglezes elevaram-se a 42:205 homens, não fallando nos doentes e feridos actualmente em tratamento.

As congregações religiosas em França

As congregações religiosas em França vão soffrer um golpe profundo. O governo francez não está resolvido a tolerar por mais tempo os abusos e escandalos dos coios jesuiticos, que, com as suas manobras e corrupção, estão comprometendo seriamente as instituições democraticas.

As intenções do governo ressaltam claramente do discurso ha dias proferido por Waldeck-Rousseau em Toulouse.

Disse o presidente do conselho que:

«A Exposição trouxe aos operarios trabalho, mas outras difficuldades se apresentam que só a politica republicana pôde resolver. Para isto será preciso, sobretudo, colligar unicamente os que lhe acceitam os seus principios e o seu ensino, e depois fazer *rôsto ao perigo das congregações religiosas, que introduzem no Estado um poderio rival.*»

Léon Bourgeois, prestigioso chefe do partido radical, está, n'este ponto, como o tem estado em muitos outros, de perfeito accordo com a politica ministerial. Ainda ha bem poucos dias, antes de Waldeck-Rousseau, havia pronunciado um violento discurso contra as congregações religiosas, que terminou por esta affirmativa: «o catholicismo é uma religião; o clericalismo é uma politica.»

Ao lado do governo, ao lado dos radicaes, acha-se tambem o partido progressista, que, servindo-se da palavra auctorizada de Louis Barthou, vae auxiliar com energia a campanha contra as congregações, começando por apresentar um projecto de lei tendente a reprimil-as intransigentemente.

E, por cá, o que é que se faz n'este sentido?

O confronto é simplesmente lastimoso.

De resto, toda a gente, a não ser algum parvo, sabe que o clericalismo, sendo, como muito bem

disse Léon Bourgeois, uma politica, é, por este mesmo facto, o unico e mais forte estio das monarchias latinas. E, desde que as instituições monarchicas chegaram á comprehensão, aliás facil, de que a sua manutenção só se tornaria possivel alliando-se poderosamente com a reacção, as esperanças são facéis de prevér. Reacção e monarchia são duas amigas intimas, que se sustentam reciprocamente, vivendo um *struggle for life* que é uma verdadeira affronta para a civilização e para o progresso.

Porém, apesar de tudo, o progresso, que não é uma alavanca impotente, ha de triumphar.

E' questão de tempo.

De tempo e de persistencia na lucta.

Cartas d'Algures

8 DE NOVEMBRO.

Cada vez se fala mais nas medidas salvadoras do sr. Anselmo de Andrade. Mas eu vot com o que me dizia ha pouco um homem conhecedor das poucas vergonhas indigenas: «Elle pôde fazer o que quizer, que não faz nada. Elle augmenta as receitas? Outros augmentarão as despesas, se não fór elle proprio. Augmento de receitas não tem faltado. E, comtudo, a nossa situação cada vez é peor.»

Assim é. Isto é casa de fidalgo arruinado. Escusam de se matar.

Ainda agora eu vejo nos jornaes que é candidato a deputado o sr. Fernando Martins de Carvalho, que eu ainda ha pouco tempo conheci a conspirar pela republica. E' certo que o grande juriconsulto, por que dizem que é grande homem e grande juriconsulto, embora não o pareça, era um conspirador inoffensivo. A mim, pelo menos, deu-me sempre a impressão d'um pacifico cidadão de raça amarella, muito assucarado, muito doce. Isto no sentido da velha idéa que nós temos dos *cidadões* de raça amarella, muito boas pessoas sempre, aliás. Mas ultimamente os homens sahiram-se e já não podemos dizer d'elles que são só assucarados, doces, encobrindo o seu pensamento bravo com as suas palavrinhas mimosas. Ultimamente teem-se sahido — é vêr o papão — guerreiros e levados do diabo em tudo.

Mas, emfim, eu não podia vêr no sr. Martins de Carvalho um capitão de butes revolucionarios. Comtudo, nem todos pensavam assim e o homem era conspirador e era chefe.

Agora ali o teem. Mudou d'idéas em tres annos? Então muito estúpido é o cidadão se elle ha tres annos via as coisas d'uma maneira tão diferente d'aquella porque as vê hoje. Não sendo estúpidez, o que foi?

Elle lá sabe. Não se quiz ralar, não esteve para se *sacrificar* mais pela liberdade e pelo paiz, entendeu que nem uma coisa nem outra lhe valiam esse sacrificio, o sacrificio de não ter vida comoda e folgada, de representação e de luxo. Vae ser deputado, pinta-se para ministro, — e foram os republicanos os primeiros que lhe abriram o caminho chamando-lhe grande homem e grande juriconsulto, — vae viver na grande ro-

da e Portugal que vá á fava, que não tem outro destino.

Este é o caso. Ou, então, se o excellentissimo cidadão entende que serve muito melhor o seu paiz com a sua nova orientação, o excellentissimo, repetimos, é muito estúpido, porque só um estúpido faz em tres annos mudanças tão radicaes.

Seja como fór, sua excellencia não tem culpa nem d'uma coisa nem d'outra. Parece, até, que sua excellencia fez o que devia fazer, porque ainda o não vi accusar por ninguém. Eu tenho ouvido chamar traidores, vendidos, apostatas a republicanos que se teem fartado de trabalhar pela republica, soffrendo por ella todos incommodos e vexames. E não oiço uma palavra, por mais suave que seja, nos periodicos da republica contra o sr. Martins de Carvalho e quejandos. De maneira que os republicanos estabelecem este principio: todos aquelles que não estejam dispostos a concordar com tudo o que elles dizem e o que elles fazem, são apostatas, vendidos ou traidores, embora defendam abertamente o ideal republicano e por elle trabalhem e sofram. Aquelles que forem servir a monarchia depois de andarem a conspirar e apregoar a favor da republica, são uns benemeritos ou pouco menos se não disséram aos republicanos verdades nem lhes arremessaram censuras emquanto andaram mettidos com elles.

E' bonito! E' bonito!

Um dia d'estes, e por causa do excellentissimo Martins de Carvalho me ter chamado para ali a attenção, fui lêr o celebre manifesto republicano dos estudantes de Coimbra, e os nomes dos signatarios, manifesto publicado pela primeira vez no jornal *Os Debates*, de 13 de novembro de 1890.

Que pavor!

Não é a rhetorica dos srs. estudantes que eu acho pavorosa. E' a sua deserção. Não é tambem esta deserção em si, ou encarada pelo lado democratico, que me faz pavor. Elles á republica não fizeram falta nenhuma. Se alguém ganhou aqui, foi ella. Mas que pavor, que pavor para o paiz, que aquelles *cidadões* vão ajudar a sugar com a força dupla de todos os renegados!

O mais engraçado é que o sr. Martins de Carvalho não assigna esse manifesto, sendo, todavia, tido e havido, ao tempo, como dos estudantes mais republicanos da Universidade. Não sabemos se veio a adherir. Alguns *adheriram* depois. Mas não. A nossa memoria é boa. Lembra-nos que não. De maneira que é certo o que eu digo. O sr. Martins de Carvalho nem é, nem parece grande homem. Antes é dos caracteristicamente e terrivelmente pequenos. E estes é que vão longe. Os grandes homens não teem nada que fazer n'este paiz, senão metter-se em casa e philosophar á lareira. O sr. Martins de Carvalho era republicano. Mas ainda estava a vêr se poderia ser monarchico. Depois a revolta do 31 de janeiro enganou-o, como enganou todos os homens pequenos. Os grandes e os medianos viram logo que o desastre de 31 de janeiro inutilizava os republicanos para muito tempo. Os pequenos imaginavam o

contrario e ainda hoje veem essa inutilisação, não n'aquelle desastre, mas na morte de José Falcão e n'outros incidentes da vida partidária. Romantismos e chiméras! Portanto, o sr. Martins de Carvalho, pensando como os pequenos, lançou-se de cabeça para baixo na republica e só depois assignou manifestos e fez politica franca.

Agora politica franca volta a fazer, mas é a politica franca do João Franco. Vamos a vêr se se engana outra vez!

Ora dos signatarios do tal manifesto, alguns ficaram honradamente no seu campo. Mas muitos foram-se e lá estão comendo á barba longa.

N'estas condições, pôde o sr. Anselmo de Andrade fazer o que quizer que não faz nada, como dizia o outro. Isto é casa de fidalgo arruinado. Porta sempre aberta, mesa sempre posta, cantares e folgares de toda a hora. Por mais dinheiro que o procurador arranje as despesas são sempre maiores que a receita. A casa empenha-se cada vez mais e ás duas por tres veem os credores que tomam conta d'ella pondendo então tudo na rua.

Por ora, Portugal não tem outro destino.

A. B.

O Occidente

Honrou-nos com a sua visita o representante da Empreza do Occidente, sr. Rodrigo Alberto da Silva.

Este cavalheiro veio a Aveiro angariar assignaturas para o importante *Dicionario das Seis Linguas* que esta Empreza traz em publicação já adiantada.

OS MOSQUITOS

Lê-se no jornal «L'Illustration», de 3 de novembro, ultimo numero publicado:

«Os nossos leitores recordam-se sem duvida do que lhes dissemos aqui sobre o papel desempenhado por certos mosquitos na transmissão da materia. Os mosquitos vão buscar aos pantanos os germens animados d'esta infecção e inoculam-n'os, por meio de picadas, nos vasos sanguineos das suas victimas humanas.

Nem todos os mosquitos, porém, são culpados d'este crime. O mosquito ordinario (*Culex pipiens*) é sempre inoffensivo; só o *Anopheles*, variedade maior que a precedente, e que precisamente se encontra sempre nos paizes da febre, é o agente d'essa inoculação, de que nos devemos livrar a todo o transe, o que não é impossivel como acaba de o demonstrar uma experiencia tentada em Italia nos empregados que estão trabalhando na linha ferrea na planicie de Capaccio. Esta região é de tal forma desolada pelas febres, que, na estação má, (de junho a novembro), os habitantes

abandonam-a á custa dos mais pesados sacrificios, indo, pelo menos, passar a noite em collinas muito afastadas.

Foram 104 as pessoas submettidas á experiencia. Entre o pôr e o nascer do sol ficavam encerradas nas habitações, cujas aberturas estavam todas cuidadosamente guarnecidas com grades metallas de malhas muito finas, ou n'umas especies de kiosques inteiramente construidos com rede metallica. Era n'estes abrigos que as pessoas, quando queriam, descansavam tambem durante o dia. Desanopheles muito poucos conseguiram passar a travez da rede. Os mosquitos vulgares, porém, passavam livremente e assim foi demonstrada mais uma vez a sua innocuidade.

Na verdade, durante os tres meses, que durou a experiencia, não houve um caso de paludismo nas 104 pessoas que foram submettidas a essa experiencia, apesar de se absterem de todo o tratamento preventivo pelo quinino. Ao contrario, no mesmo periodo, de 349 pessoas que habitavam os arredores da zona protegida, só seis ou sete deixaram de ter accesos de febre palustre.»

Regressou da Costa Nova do Prado, onde se achava a uso de banhos, á sua casa d'esta cidade, o nosso velho amigo e distincto medico, sr. dr. Francisco Antonio Marques de Moura.

Tambem regressou da mesma praia o sr. Guilherme Taveira.

Com sua familia, regressou a Aveiro da sua casa de Villa Verde, o sr. dr. João Fayo Soares d'Azevedo, digno secretario geral.

Um padre que se emancipa

No departamento do Gard, um padre cujo nome ignoramos, acaba de despir definitivamente a sotaina, «porque, diz elle n'uma carta ao bispo da sua diocese, não está para persistir n'uma igreja que o obrigue a odiar e a excommungar alguém.»

O «Gaulois», sempre conselheiral, exhorta-o a reconsiderar, pois que é nas escolas revolucionarias que se aprende e exercita o odio.

O «Gaulois», não nos lê e por isso não lhe diremos que não ha escola alguma revolucionaria que condempne ao inferno por todo a eternidade os dissidentes, nem que diga aos seus adeptos que devem odiar pae, e mãe e irmãos, como se lê no Evangelho.

Nós felicitamo-nos por vermos mais um homem honesto que se dessembaça do envolvero negro da sotaina, emancipando-se do «ananké dos dogmas», como diria o velho Hugo.

Informam-nos que hontem 1 do corrente, foram rejeitadas ao distribuidor d'Esgueira duas cartas violadas. Ha muito que a correspondencia dirigida d'Aveiro ou d'Esgueira para um cavalheiro residente na Figueira da Foz, ou d'este cavalheiro para algumas pessoas residentes em Esgueira apresentam signaes de violação.

Apesar de diversas prevenções, não tinha sido possivel justificar o facto da violação, que hontem se

verificou perante testemunhas. Os queixosos de Esgueira, dirigiram-se immediatamente ao sr. director do correio, que ficou surprehendidissimo, e que tambem poz em surpresa os dois queixosos, declarando-lhes, que o cavalheiro da Figueira lhe escrevera em tempo uma carta a proposito de violação de correspondencia; carta offensiva da sua dignidade, e que se houvesse a sua dignidade, disse, um tanto virado, essa carta havia de apparecer.

Os queixosos emburraram com a condicional, e com o tom um tanto irado, do excellentem homem apesar de não ser para elles, e foram entregar a sua participação ao sr. delegado da comarca.

E' absolutamente necessario que se tire a coisa a limpo e pedimos ao sr. director geral dos correios providencias energicas.

Cremos que será um caso curioso. Continuaremos assim maciamente até novas informações.

PENDENCIA

Pedem-nos a publicação das seguinte cartas:

Ill.^{mas} Ex.^{mas} Srs. Dr. Joaquim de Mello Freitas e Mario Duarte.

Meus prezados amigos.—O ex.^{ma} sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena acaba de dizer-me que um *suelto* publicado no *Campeão das Províncias* de ante-hontem, 31 de outubro, ácerca do caso, que classifica de sujo, a respeito de um *passo* do caminho de ferro, se refere á minha pessoa, porque o sr. Firmino de Vilhena ha tempo lhe declarou que eu negociava o *passo*, que me pertence, na qualidade de advogado consultor dos caminhos de ferro do Estado.

Reputando estas afirmações offensivas da minha honra e consideração social, peço a V. Ex.^{ma} que exijam do sr. Firmino de Vilhena e do auctor d'aquelle *suelto* categoricas explicações, que ilibem a minha dignidade, dando a V. Ex.^{ma} plenos poderes, para obterem a reparação necessaria pelos meios que julgarem mais convenientes.

Sou com a mais viva estima e consideração,

Aveiro, 2 de novembro de 1900.

De V. Ex.^{mas}
amigo aff.^o e obrig.^{mo}
Manuel Homem de Mello.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. dr. Manuel Homem de Mello e nosso prezado amigo.

—Em cumprimento da missão com que V. Ex.^{ma} nos honrou, procuramos pelas 3 horas da tarde do dia 2 do corrente na redacção do *Campeão das Províncias* o ex.^{mo} sr. Firmino de Vilhena e alli lhe expozémos o assumpto que a sua casa nos levava, exigindo-lhe seguidamente explicações categoricas ácerca do *suelto*, a que se refere a carta de V. Ex.^{ma} e das declarações que o mesmo sr. tinha ha tempo feito ao Ex.^{mo} Sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena.

N'esse momento fizémos sentir ao Ex.^{mo} Sr. Firmino de Vilhena a conveniencia de, por sua parte, nomear representantes com quem houvessemos de tratar esta pendencia. Pelo mesmo sr. nos foi dito que por ser inteiramente contrario a tal modo de resolver questões de honra, e tão só-

mente por este motivo e não porque repute V. Ex.^{ma} uma pessoa indigna, não nomeava representantes seus; acrescentando porém que nenhuma duvida tinha em declarar que—por falsas informações publicára em o n.^o 5027 de 31 d'outubro findo do *Campeão das Províncias* na 4.^a columna da 2.^a pagina, um *suelto* em que se pretendia visar a V. Ex.^{ma}, mas que melhor informado não hesitava em asseverar que não tinha razão de ser o alludido *suelto* nem qualquer consideração que se houvesse feito sobre o mesmo assumpto.

Em vista do procedimento do sr. Firmino de Vilhena, considerámos terminada esta pendencia. E dando por finda a nossa missão julgámos em nossa consciencia completamente illibada a honra de V. Ex.^{ma}

Aveiro, 2 de novembro de 1900.

Somos de V. Ex.^{ma}

com toda a consideração e respeito, etc.

Joaquim de Mello Freitas
Mario Duarte.

A Universidade Imperial de Tokio

Lê-se no ultimo numero da revista scientifica «La Nature», de 3 de novembro:

«Posto que a Universidade Imperial de Tokio só tenha um quarto de seculo de existencia, pois que antes era uma especie de escola secundaria sem importancia, attingiu hoje um desenvolvimento de tal forma extraordinario que os estudantes já por vezes encontram n'ella todo o ensino superior. Comprehende a Universidade seis *collegios*, como lhe chamam, e que nós denominariamos *faculdades*: Direito, Medicina, Engenharia Civil, Letras, Sciencias e Agricultura. Os programmas são mais completos que os das nossas Universidades. Quanto ao numero de cadeiras, é verdadeiramente extraordinario. Assim, por exemplo, ha 4 para a engenharia civil propriamente dita, 3 para mechanica, outras tantas para architectura naval, 1 para engenharia maritima, 3 para construcções electricas e assim por deante. E é assim que o Japão já tem demonstrado não precisar da velha Europa para formar excellentes engenheiros e magnificos medicos.»

Acha-se jáfazendo serviço no nosso lyceu, para onde requerer transferencia em commissão, o sr. Alexandre Ferreira de Sousa, professor de francez e inglez no lyceu da Guarda.

O monumento de Carnot e um doido

Na segunda-feira passada, de tarde, um individuo que, pelo aspecto, parecia doido, trepou ao monumento de Carnot, em Lyon, pouco antes de inaugurado pelo presidente Loubet e principiou a falar á turba que a sua attitudo fizera reunir.

Depois, tirando do bolso uma navalha de barba, com ella cortou o pescoco a ponto de ficar quasi agonizante. O suicida, que conta quarenta e dois annos, exercicia a profissão de cabeleireiro.

becca a bruxa levantou a cabeça e deitou á bella judia um d'esses olhares invejosos e maus que a velhice e a fealdade, quando unidas com ruins intuitos, estão sempre dispostas a lançar á mocidade e á belleza.

—Olé, velha carocha! disse um dos homens, levanta-te e põe-te lá fóra, que manda nosso amo. E' preciso que cedas o quarto a uma hospeda mais formosa.

—Sim, resmungou a bruxa, é d'esse modo que se recompensam os serviços. Houve tempo em que uma só palavra minha faria lançar o primeiro homem d'armas da cella abaixo e para fóra do castello; e agora tenho de me levantar e ir-me embora ás ordens de qualquer moço d'estrebaria como tu.

—Boa dama Urfrid, disse o outro homem, deixa-te de observa-

A produção annual do oiro

A ultima estatistica relativa á produção annual do oiro no mundo, publicada pela Sociedade de estatistica, dá o seguinte:

| | | |
|----------------|-------------|---------|
| Africa do Sul | 302.028.200 | francos |
| Estados Unidos | 297.140.300 | " |
| Andaluzia | 288.444.100 | " |
| Russia | 120.412.700 | " |

Kussia Dos outros paizes nenhum chega a produzir 50 milhões de francos.

A produção annual do oiro em todos os paizes reunidos sóbe a 1.230.274.800 francos.

Sommando as produções das diversas colonias da Gran-Bretanha e das terras sobre as quaes ella exerce protectorado vê-se que só a Inglaterra á sua parte produz em oiro francos 671.302.500, entrando n'essa produção o Transwaal, que se pôde considerar d'aqui por deante como terra ingleza, com a enorme somma de 302.28.200 francos.

Eis, em milhões de francos, como se divide a produção do oiro na Gran-Bretanha.

| | | |
|---------------|-------|---------|
| Africa do Sul | 302,0 | milhões |
| Australia | 288,5 | " |
| Indias | 37,5 | " |
| Canada | 31,1 | " |
| Guyana | 12,0 | " |
| Inglaterra | 0,2 | " |
| | 671,3 | " |

Na Costa Nova do Prado deu-se na terça-feira, á hora do banho, um lamentavel desastre. Um pobre homem d'uma aldeia proxima d'esta cidade, foi banhar-se ao mar e, em tal hora o fez, que uma onda envolveu o, arrastando-o na sua impetuosidade para não mais apparecer.

A imprudencia é muitas vezes causadora d'estas e outras desgraças.

COMMUNICADOS

CACIA

Sr. Redactor.—Ha annos que não visitava o cemiterio d'esta freguezia, porém não calcula a impressão que senti ao vêr o mau estado em que se acha, principalmente o pequeno augmento que tentaram fazer ha cerca de um anno, e onde já fazem enterramentos!

Está de todo abandonado, sem resguardo algum, e só graças ao acaso, os cães ainda se não lembraram de descobrir os cadaveres.

A terra não está em condições de alli se poderem depositar os corpos das pessoas que morrem. E' para lamentar que este povo não proteste contra este abuso da Junta de Parochia, e, para maior cumulo, tendo ella como seu presidente o prior da freguezia!

As despesas a fazer com o aterro e muro não são exageradas, e, portanto, parece-me que é desleixo; e, para mais, consta-me que os habitantes estão pagando uma contribuição juntamente com a decima, para tal fim.

Neste caso fazemos lembrar aos habitantes d'esta freguezia que levem este assumpto ao conhecimento da auctoridade competente para que dê providencias.

E pela publicação d'estas linhas no seu mui acreditado jornal, lhe ficará muito grato o que é

De v., etc.

S.

(64)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXIII

Foi este o motivo, por ella apresentado ao grande conselho do clero inglez, que a levou a tomar o habito religioso. A assembleia do clero accceitou a validade da justificação e a notoriedade das circunstancias em que ella se fundava, dando assim um indubitavel e notabilissimo testemunho da existencia da vergonhosa devassidão que manchou aquella epoca. Era geralmente reconhecido, diz-se, que depois da conquista do rei Guilher-

me, os normandos seus companheiros, orgulhosos por tão grande victoria, não conheciam outra lei senão os seus desejos perversos, e não só despojaram os saxões vencidos das suas terras e bens, atacaram a honra de suas esposas e de suas filhas com a mais desenfreada licença; e d'ahi resultou que as donas e donzellas de familias nobres vestiam frequentemente o habito de freiras e recolhiam-se aos conventos, não por as chamar para isso a vocação, mas unicamente para preservarem a sua honra da malva dez desenfreada dos conquistadores.

Tal era a devassidão d'esse tempo, como se infere da publica declaração da assembleia do clero narrado por Edamer; e não precisamos de acrescentar mais nada para justificar a probabilidade das sce-

nas que referimos e ainda havemos de contar, seguindo a auctoridade mais apocrypha do manuscrito de Wardour.

XXIV

Hei de requestal-a como o leão requesta a sua leda.

DOUGLAS

Emquanto n'outras partes do castello se passavam as scenas que acabamos de descrever, a judia Rebecca aguardava a sua sorte n'uma pequena torre distante e solitaria. Fóra lá conduzida por dois dos seus raptos disfarçados, e dando entrada n'uma pequena cella, achou-se em presença de uma velha sibylla, que estava a fiar, cantando ao mesmo tempo uma cantiga saxonia, como que para acompanhar o movimento do fuso. A' entrada de Re-

ções, levanta-te e vae-te embora. As ordens dos amos devem ser cumpridas logo que são ouvidas. Tu já tiveste o teu tempo, velha, mas o teu sol já se poz ha muito. Agora és o verdadeiro emblema de um velho cavallo de batalha, que se deita para o matto. Tu correste no teu tempo; agora o mais que podes é andar o passo travado. Vamos, experimenta-o lá d'aqui para fóra.

—Ambos sois cães de mau agouro, replicou a velha, e oxalá que um canil seja a vossa sepultura! Que o perverso diabo Zerneck me arranque os membros um a um se en sabir da minha cella antes de ter acabado de fiar o canhamo que tenho na roca.

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALRINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de lonça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha também vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de alubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, ehunho para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercaderia mediante comissião.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó veruizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chlorato, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES
AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa splendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affranca a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda, e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farlugas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos